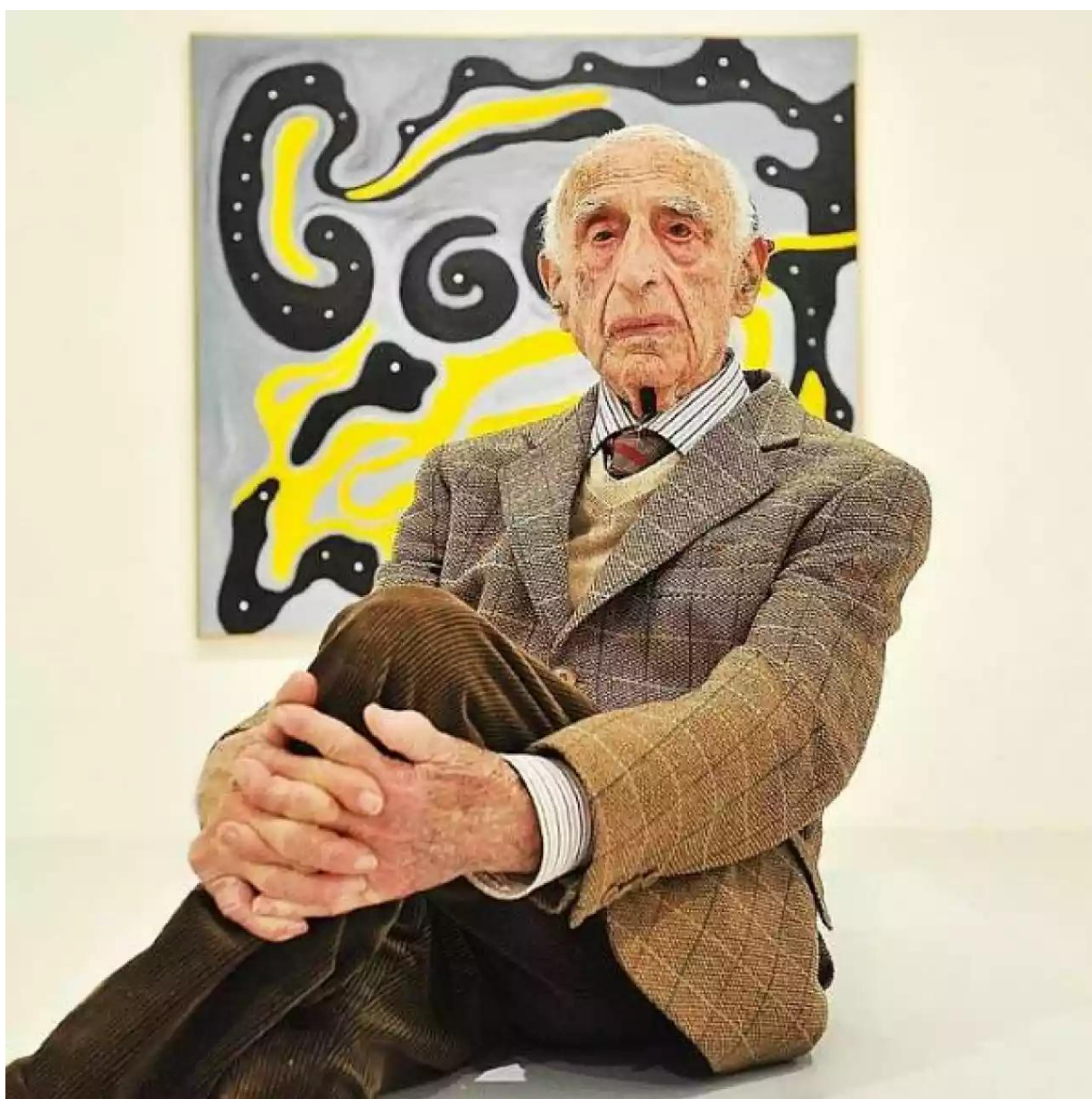


A validade de Gillo Dorfles

Por Joan Costa

Provavelmente muitos jovens designers não conheciam o trabalho de Gillo Dorfles, mas ele foi um dos mais sólidos e persistentes promotores e difusores do design gráfico.



Na sexta-feira, 2 de março, quando ele completaria 108 anos em abril, Gillo Dorfles morreu em Milão. Por ocasião do seu centenário se editou o catálogo da exposição que reunia o seu

trabalho: «É melhor o catálogo que a exposição», ele deixou escapar ao entrevistador que lhe mostrava orgulhoso o catálogo ... Dorflès é o autor de numerosos ensaios sobre estética. No ano passado em Milão estava a sua exposição de desenhos *Até 2016*. Dorflès era crítico de arte desde muito jovem, atividade que exerceu a vida inteira como ensaísta e teórico da arte e design. Em 1948, ele criou o MAC (Movimento de Arte Concreta) com Bruno Munari. Dorflès foi professor de estética em Florença, onde teve como assistente o jovem Umberto Eco.

Eu conheci Gillo Dorflès em Paris, em uma reunião com apoiadores do design de todo o mundo. Homem aberto e generoso que tinha o dom da elegância intelectual, assim iniciou-se uma boa amizade. Passei um inesquecível domingo em sua casa em Milão. Nos encontramos novamente em Londres, onde recebi o prêmio *Art Directors Club* de Nova York da Pentagram para o meu livro *Imagen Global* (Barcelona, □□1987). Gillo me apresentou a Alan Fletcher e Giovanni Anceschi para um projeto de design que finalmente não se realizou. Ele prefaciava meus livros *Identidad Corporativa* (México, 1993) e *Identidad Televisiva em 4D* (La Paz, 2005). Publiquei vários de seus artigos em minha revista *Documentos de Comunicación* (Barcelona), da qual Gillo foi membro do Comitê Científico, junto com outros grandes nomes da cultura.

Em memória de meu querido amigo, reproduzo um fragmento do texto publicado em meu livro *The Communication. 10 voces essenciais* (Barcelona, □□2010):

Com Gillo, experimentei uma experiência constrangedora que me causou grande desconforto. Ele havia me enviado a revista *In* em sua edição especial *Moda e società* (1972), com uma dedicação carinhosa; Este número foi coordenado por ele e também publicando um artigo seu. Disso surgiu a minha ideia de convencê-lo a escrever um livro sobre moda, pensando na coleção da Biblioteca da Comunicação, que eu estava dirigindo para as Edições Ibero-Europeias de Madrid.

Eu vi Gillo pouco animado com a ideia, mas eu insisti. E como ele não se decidia, insisti de novo e não parei de insistir. Deu trabalho, mas no final decidiu-se pelo sim. Foi uma alegria. O livro seria intitulado em princípio «As máquinas da moda», mas depois, Gillo mudou de ideia. Ele não queria limitar-se à moda de «roupas» e também abarcaria a moda nos costumes, fala, gestos, dança, etc. Começou me enviando ilustrações enquanto ele as juntava e, finalmente, recebi o texto.

Como sempre, texto escrito diretamente com a máquina de escrever que ele ainda usa, com suas folhas de papel fino e transparente, e com poucas correções feitas à mão no original, já definitivo. Assim são seus escritos, feitos de uma só vez em sua máquina de escrever e uma leitura subsequente com poucas correções de caneta. Eu sempre admirei essa segurança e esse valor da primeira escrita, espontânea, e finalizada com o mínimo acabamento.

Li o texto de Gillo com prazer e escrevi para anunciar que iria apresentá-lo ao editor ... Mas depois descobri que o editor acabara de morrer. Vi uma tempestade chegando, porque era uma pequena editora, muito pessoal e onde tudo girava em torno do dono fundador, Don Agustín. Foi isso que percebi no dia em que o conheci brevemente em Madri. Ficou claro que a Editora não funcionaria mais sem ele. E assim aconteceu.

O que eu faria com todo o material de Gillo e sem editor? Como dizer, depois de tanta insistência, que não seria publicado? E sabendo que o escreveu pela minha insistência chata e continua. À notícia negativa que finalmente lhe enviei, ele respondeu com sua elegância proverbial: «Não se preocupe. A melhor coisa é que o livro já existe, graças a você». Fino e elegante. Apesar disso, ainda era uma questão de honra. Tinha que publicar o livro em espanhol como desse lugar, e estava pensando sobre o que fazer. Depois de um tempo recebi um pacote pelo Correio. Ele veio de Milão e foi enviado pelo editor Mazzotta. Continha o livro recentemente publicado de Gillo. Finalmente intitulado «Mode e modi» (1979) com uma dedicatória que me emocionou. Isso me fez reagir imediatamente em meu compromisso íntimo e moral, e rapidamente escrevi para o amigo Carlos Trillas de Mexico, recomendando publicá-lo. Tinha que ser editado em espanhol! Trillas fez os arranjos com Mazzotta para comprar os direitos; Eu disse a Gillo, que apreciou minha teimosia. Mas algumas semanas se passaram e eu não tinha notícias de Trillas. Ele explicou que tinham dificuldades em aceitar as condições da editora italiana. Comentei isso com Dorflies, mas ele não pôde fazer nada para modificar as regras de seu editor. Não fiquei calmo. Tentei convencer meu velho amigo Enric Folch, diretor de Paidós, que publicara dois dos meus livros; examinou o livro com seus assessores, sem ter uma decisão final. Eu desisti.

Não muito tempo atrás, recebi uma surpresa: a editora valenciana Campgràfic publicou o livro («meu livro») de Dorflies *Modas y modos*. Com certeza, os colegas de Campgràfic não conheciam a história acidentada, mas feliz, deste trabalho.

No dia do seu centenário, Gillo recebeu meus parabéns, datas que ele obviamente odeia; por correio, como de costume entre nós. E brindei porque continua a nos iluminar com sua lucidez e sua altíssima qualidade humana. Como esperado, ele não me respondeu. Nesse dia, o «Corriere della Sera» dedicou-lhe duas páginas, com críticas devastadoras à aqueles críticos que apenas elogiam e não criticam, e aos grandes autores que ele tanto admira, mas reconhece que são pequenos burgueses. Que vitalidade invejável!

Publicado em 17/04/2018

FOROALFA

ISSN 1851-5606

<https://foroalfa.org/pt/artigos/a-validade-de-gillo-dorflies>

